

As políticas de destruição de reputação

Publicação: [O Mundo em Português Nº57](#)

Data de Publicação: Novembro/Dezembro de 2004

Autor: Peter Calvet

Os americanos não inventaram a destruição de reputação (character assassination) mas, quando estão em jogo as eleições presidenciais, parecem ter aperfeiçoado a arte. Com a «era da televisão», que se iniciou com o debate entre Kennedy e Nixon, a arte da destruição política como arma floresceu. Mas antes de lamentarmos o fim da sociedade civil, a julgar pelas mais recentes provas da competição Bush-Kerry, vale a pena recordar exemplos passados desta desagradável prática.

É hoje bem conhecido que a campanha de John F. Kennedy contra o então vice-presidente Richard Nixon esteve bem perto da ruína devido aos rumores que circularam entre alguns grupos protestantes que Kennedy poderia ser mais leal ao Papa do que à Constituição Americana. Como era a primeira vez que um católico se candidatava ao mais elevado cargo da América, os receios de protestantes com fraca instrução foram facilmente manobrados. A campanha de Nixon negou qualquer envolvimento nessa campanha mas, mesmo assim, a imprensa cobriu a história como se fosse uma das questões mais relevantes da campanha. Nixon acabou por ser derrotado por Kennedy, mas esta campanha de destruição de reputação teve as suas consequências, pois Kennedy ganhou por uma margem mínima, apesar do sentimento da maioria dos observadores imparciais de que um Kennedy muito mais descontraído tinha claramente ganho o primeiro debate televisivo, contra um Nixon obviamente pouco confortável.

Lyndon Johnson aproveitou-se de um deslize do seu rival republicano, Barry Goldwater, quando o senador do Arizona fez o infeliz comentário que os Estados Unidos deveriam ponderar o uso de armas nucleares táticas no conflito do Vietname. A linha de demarcação entre armas nucleares táticas e estratégicas ficou definitivamente esbatida quando a campanha de Johnson pôs no ar o agora famoso anúncio mostrando uma rapariga a apanhar flores no campo com uma bomba nuclear a explodir em fundo, fazendo o ecrã ficar branco. A mensagem era óbvia para os eleitores – Goldwater era um homem perigoso que estava a propor a destruição do planeta e que devia ser parado. A acusação era totalmente injusta mas destruiu qualquer hipótese de Goldwater

ganhar as eleições. Outra vítima da destruição de reputação foi George McGovern, um condecorado veterano da Segunda Guerra Mundial que foi injustamente descrito pela equipa de Nixon como peacenik, quase um hippie, que seria «mole» em relação aos comunistas, uma acusação que então era demolidora. Insatisfeito com os danos na reputação do seu opositor, Nixon, ainda a remoer a sua derrota perante Kennedy, planeou um ataque contra o candidato a vice-presidente escolhido por McGovern, Thomas Eagleton, um quase desconhecido senador que tinha cometido a infelicidade de consultar um psicólogo. Foi tal o alarido criado em torno da capacidade de Eagleton para ser Presidente que McGovern se viu forçado a afastá-lo da corrida, prejudicando assim a sua própria candidatura. Jimmy Carter, que até então tinha uma sólida reputação de integridade, sucumbiu à tentação, quando desafiado por Edward Kennedy, no seio do seu próprio partido, durante a sua campanha de reeleição. Em determinado momento, no calor da campanha, declarou que «a questão não é Chappaquidick», em referência a um incidente no qual uma empregada da família Kennedy morreu num acidente de viação – e o papel de Kennedy neste incidente ainda hoje é um mistério. Ao ressuscitar o incidente, declarando que ele não deveria ter qualquer impacto na campanha, Carter garantiu que a imprensa dedicaria a devida atenção a este infeliz acontecimento, destruindo assim qualquer hipótese que Kennedy tivesse para o desafiar.

George Bush pai, que estava em desvantagem em relação ao seu opositor, o governador do Massachusetts Michael Dukakis, no Verão anterior às eleições, resolveu emitir um anúncio televisivo onde se via a fotografia policial de um homem negro com ar desesperado, Willie Horton, e que acusava o governador Dukakis, que era favorável à concessão de saídas precárias a reclusos com bom comportamento, de ser responsável pelo homicídio que Horton cometeu durante uma saída. A insinuação era que, uma vez eleito, Dukakis libertaria hordas de assustadores homens negros no seio da população americana. A campanha de Bush negou qualquer envolvimento com o anúncio, porque tecnicamente tinha sido produzido por um grupo obscuro sem ligações ao Partido Republicano. O truque resultou e o apoio a Dukakis entrou em queda logo que o tema do anúncio chegou aos telejornais.

Mais recentemente, a mais famosa vítima da destruição de reputação foi Bill Clinton, que não só foi alvo de intermináveis ataques em relação a alegados casos amorosos anteriores à sua eleição, como foi perseguido, na segunda metade do seu ultimo mandato, por um procurador especial que de imparcial nada tinha, cuja missão inicial abrangia actos de corrupção e acabou a investigar a breve «escapadela» sexual com a agora famosa Monica Lewinsky. O que acabou por se perder no meio da batalha foi o

facto de Clinton ter sido exaustivamente investigado por Robert Fiske, o primeiro procurador especial republicano, que não descobriu quaisquer indícios e ilibou Clinton. Essa situação, no entanto, não era aceitável para um grupo de republicanos e para os seus aliados e Kenneth Starr foi nomeado como segundo procurador especial, com a missão bem definida de encontrar alguma coisa que prejudicasse Clinton. A ironia é que mesmo apesar de as investigações de Starr terem conduzido a um processo formal de destituição, a opinião pública, já muito consciente das actividades extra-matrimoniais de Clinton, apoiou o Presidente, que liderou o país numa das épocas de maior sucesso económico da história recente, e todo o plano caiu por terra.

O actual Presidente, George W. Bush, também não desconhece a arte negra da destruição de reputação. Ainda está bem presente na memória o facto de, mesmo sendo Bush o favorito da liderança do Partido Republicano, o que o levou à sua primeira nomeação, os eleitores republicanos não estarem muito convencidos que ele seria a escolha certa para o cargo. O primeiro favorito dos eleitores republicanos foi o Senador do Arizona John McCain, que iniciou a estação política a derrotar o bem protegido filho de um antigo presidente nas importantíssimas primárias de New Hampshire. A campanha de Bush, numa tentativa de ultrapassar esta humilhante derrota, preparou-se para as primárias seguintes e começou a fazer telefonemas para pessoas mais velhas, acusando McCain de ser um «baby-killer», devido à sua moderação em relação ao aborto. A tática resultou. A campanha de Bush conseguiu dar a volta e acabou por derrotar McCain.

Na actual campanha, a equipa de Bush levou mais longe o jogo da destruição de reputação. A «máquina de ataque» republicana, parafraseando John Kerry, está envolvida em três frentes. A primeira, à semelhança do que aconteceu a McCain, é uma tentativa de usar as posições moderadas de Kerry em relação ao aborto para dividir o voto católico. Em consequência, o devoto católico Kerry viu ser-lhe recusada a comunhão por alguns bispos, simpatizantes de Bush. Mesmo a visita de Bush ao Vaticano foi utilizada como mais uma prova de que as suas políticas estão mais em sintonia com a posição oficial da Igreja católica sobre o aborto. Esta tática é uma tentativa óbvia de dividir o voto católico, que pode ir maioritariamente para Kerry. A segunda frente é a tentativa de dividir o fiel voto dos democratas afro-americanos, através de um grupo que lidera uma campanha nas estações de rádio comunitárias afro-americanas com acusações de que Kerry não se preocupa de todo com os negros.

Até usam a mulher de Kerry, Teresa – acusam-na de ter sido criada numa rica mansão colonial em Moçambique e de ter tido o descaradamente de se intitular como «afro

americana». A terceira, e potencialmente mais perigosa, frente é o grupo de veteranos do Vietname que alega que Kerry não merecia verdadeiramente as cinco medalhas com que foi condecorado. Este ataque é potencialmente mais perigoso porque a actuação de Kerry na guerra é um dos pontos centrais da sua campanha, e tem como objectivo dividir os veteranos americanos, um grupo importante numa eleição que se adivinha renhida. Por outro lado, serve também para dissipar a percepção generalizada que Bush teria usado as ligações do seu pai para evitar missões de combate no Vietname.

Para se ser justo em relação a Bush, convém não esquecer que grande parte do filme de Michael Moore, *Fahrenheit 9/11*, também pode ser interpretado como destruição de reputação, se bem que não seja credível que Moore trabalhe directamente para a campanha de Kerry. Infelizmente para Kerry, no entanto, o mero facto de Moore ter vencido o Festival de Cinema de Cannes não impressionará a maioria dos indecisos e, pelo contrário, pode ser visto por muito desses importantes eleitores como a prova de que os franceses, considerados anti-americanos, se estão a imiscuir nas eleições americanas, fazendo assim com que diminua o impacto de muitas das questões suscitadas pelo filme.

Estas campanhas de destruição de reputação têm em comum o facto de, ao que parece, serem orquestradas por campanhas que se consideram em perigo. É usualmente o último recurso de campanhas desesperadas, em busca de uma vitória a qualquer preço. Porém, são mais elucidativas sobre os seus perpetradores do que sobre as suas vítimas. Se a destruição de reputação parece funcionar como tática, não é seguro que as eleições sejam necessariamente ganhas por aquelas que praticam esta muito duvidosa arte. John F. Kennedy conseguiu enfrentar uma enorme campanha de destruição de reputação e venceu. Talvez John F. Kerry, que tal como Kennedy é um senador católico liberal do Massachusetts, consiga ultrapassar esta última demonstração da destruição de reputação. No mínimo, este JFK pode retirar algumas lições da história.